



**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

**OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO RACISMO NA CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA.**

Ilhéus, Bahia

2020



**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

RAIANE CAROLINE SANTOS BASTOS

**OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO RACISMO NA CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA.**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo científico) entregue para acompanhamento como parte integrante das atividades de TCC II do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus.

Ilhéus, Bahia

2020

**OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO RACISMO NA CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA.**

RAIANE CAROLINE SANTOS BASTOS

Aprovado em: __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Wallace Lima Habib Bonfim– (Mestre)
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Orientador)**

**Prof. Ruana Santos Silva– (Especialista)
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Avaliador I)**

**Prof. Maria da Conceição Almeida Vita– (Mestre)
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Avaliador II)**

DEDICATÓRIA

À todas as mulheres negras que me inspiram, às ancestrais que mesmo machucadas ergueram-se, para que hoje fosse possível a minha existência.

Adupé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Divino, pelo dom da vida, pela força que se fez presente em mim durante toda a graduação.

Aos meus pais Nara Sueli Ramos dos Santos e Joseilton Lemos Bastos, por todo amor, zelo, dedicação e suporte que me oferecem, por me ensinarem os passos da dança da vida.

Ao Prof. Wallace Lima Habib Bonfim, meu orientador, por aceitar transmitir seu conhecimento, esbanjando serenidade e responsabilidade.

Aos amigos que fiz durante o tempo de curso, toda troca de conhecimento, ao carinho durante as semanas de provas, aos cuidados em forma de puxões de orelha, que a memória afetiva eternize nossa cumplicidade.

“ Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra ”

Conceição Evaristo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 As diversas formas de racismos e os impactos ocasionados à identidade do sujeito	13
2.2 Os aspectos identitários da mulher negra no Brasil	17
2.3.Os impactos das diversas formas de racismo direcionados à mulher negra.....	21
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	27

OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO RACISMO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA.

THE PSYCHOLOGICAL IMPACTS OF RACISM ON THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF THE BLACK WOMAN.

Raiane Caroline Santos Bastos¹; Wallace Lima Habib Bomfim².

1. Discente da Faculdade de Ilhéus (CESUPI), Curso de Psicologia. Ilhéus, BA.
2. Mestre em Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Docente do Departamento de Psicologia Clínica. Faculdade de Ilhéus (CESUPI), BA.

RESUMO

Apontamos nesse trabalho como as engrenagens racistas da sociedade que desde o período colonial funcionam estruturalmente a favor dos indivíduos brancos e conseqüentemente contra os indivíduos negros, colocando a margem da margem a mulher negra, em razão de ser negra e mulher. Este artigo tem como objetivo principal apontar os impactos psicológicos do racismo na construção da identidade da mulher negra. Com objetivos específicos de identificar as diversas formas de racismo e os impactos ocasionados na identidade do sujeito; apresentar os aspectos identitários da mulher negra no Brasil e expor os impactos psicológicos das diversas formas de racismo direcionados à mulher negra. Levantamos as hipóteses de que o processo sócio histórico da mulher negra é uma das razões para a alienação da sua identidade cultural, sendo possível pensar os efeitos da relação entre os aspectos psicológicos e sociais do racismo diário em resultados danosos para o corpo e o psicológico através de psicossomatizações, e para a identidade através do ideal de branqueamento. A metodologia adotada para este trabalho foi a da pesquisa de cunho bibliográfico, de método dedutivo e de cunho qualitativo, fundamentado principalmente nos estudos de Munanga (2004), para compreender os conceitos de raça e racismo, Almeida (2018) para ascender discussões acerca dos diversos modos de racismo e Silva (2001) para entender o mito da democracia racial no Brasil, Prestes (2013 ;2016) para o aprofundamento em questões relacionadas a mulheres negras. Com isso, esperamos que este trabalho contribua para a conscientização acerca da necessidade de se discutir a saúde mental da mulher negra no meio psicológico.

Palavras –chave: Racismo; Saúde mental; Identidade; Mulher negra, Violência racial.

ABSTRACT

We point to this work as the racist gears of society that since the colonial period function structurally in favor of white individuals and consequently against black individuals, placing the margin of the margin the black woman, due to being black and woman. The main objective of this article is to point out the psychological impacts of racism on the construction of the identity of black women. With specific objectives of identifying the various forms of

racism and the impacts caused on the identity of the subject; to present the identity aspects of black women in Brazil and expose the psychological impacts of the various forms of racism directed at black women. We raise the hypothesis that the historical partner process of black women is one of the reasons for the alienation of their cultural identity, it is possible to think about the effects of the relationship between the psychological and social aspects of daily racism in harmful results for the body and the psychological through somatizations disorders, and to identity through the ideal of bleaching. The methodology adopted for this work was the bibliographic research, deductive method and qualitative nature, mainly based on Munamga (2004), to understand the concepts of race and racism, Almeida (2018), to ascend discussions about the various modes of racism, Silva (2001), to understand the myth of racial democracy in Brazil and Prestes (2013;2016), for the deepening on issues related to black women. With this, we hope that this work will contribute to the awareness about the need to discuss the mental health of black women in the psychological environment.

Keywords: Racism; Mental health; Identity; Black woman, Racial violence.

1. INTRODUÇÃO

Com números ainda incertos, uma enorme quantidade de africanos foi trazida a força ao Brasil entre os séculos XVI e XIX, estima-se que dos aproximados 11 milhões de cativos cerca de 4 milhões desembarcaram em terras brasileiras, esses números tornam o Brasil a região mais conectada ao continente africano em se tratando do tráfico (ALBUQUERQUE & FRAGA FILHO, 2006). Essa estratégia de escravização possibilitou o avanço do colonialismo e a dominação política e histórica de brancos sobre negros, ocasionando a naturalização do racismo e o tornando estrutural, ou seja, um racismo enraizado em todas as estruturas da sociedade brasileira.

Dados estatísticos partilhados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre os anos de 2012 a 2016 comprovam que “em 2016, a população branca representava 44,1% da população residente, ao passo que, 8,2% são pretas, e 46,7% são pardas”. (BRASIL, 2017, p.3). Mostrando que a população negra, representada por pretos com 8,2% e pardos 46,7% soma 52,9%. A pesquisa divulgada pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) e realizada em 2014 mostra que a população brasileira chega a 203,2 milhões de habitantes, desse total 98,419 milhões são do sexo masculino (48,4% do total) e 104,772 milhões de mulheres (totalizando 51,6%). Em conclusão, os dados citados anteriormente comprovam que a as mulheres negras são o maior contingente da população brasileira, no recorte de cor de pele, raça e gênero. Assim, defendemos um aumento na produção científica de pesquisas voltadas a esta população.

Diante desses números, ao olhar a sociedade brasileira mesmo que de maneira desatenta, é possível observar que múltiplas disparidades entre elas se situam na raça e no gênero, o que envolve mais do que apenas cor e sexo. Em virtude de acumular duas minorias a mulher negra sofre duplamente, com a racismo por ser negra e com o machismo por ser mulher, não obstante os fatores aqui apresentados, a mulher negra sofre também com os resquícios da escravatura.

Dentro do contexto atual podemos pensar esses resquícios como reflexo das diversas formas de exclusão social sofridas pela mulher negra, como base da pirâmide social são preteridas em diversos âmbitos, a mulher negra é quem sente e carrega o peso das inúmeras desvantagens do sistema machista e estruturalmente racista, com difícil inserção no mercado de trabalho e mau remuneradas quando a conseguem, objetificadas e preteridas no amor causando a solidão da mulher negra, esteticamente pressionadas a caberem num padrão

eurocêntrico inalcançável. Todas essas opressões impactam diretamente na construção da identidade da mulher negra, podendo provocar alterações no autoconceito, na autoimagem e levar ao adoecimento psíquico.

A opinião ou generalização concebida sem senso crítico que se caracteriza preconceito, reforça a anos os estereótipos que cercam os corpos de mulheres negras, a mulher negra que no imaginário social é sempre exótica, fácil e boa de cama, admirada, mas raramente assumida. Para Cândido e Feres Júnior (2019) esses estereótipos referem-se a um tipo de preconceito racial que entalha no corpo marcas de inferioridade, ou seja, a não disposição de manter relacionamentos mais profundos com mulheres negras e a facilidade em que se confina essas mulheres negras, pretas e pardas a posições anormais de desigualdade em múltiplas relações sociais.

De forma a contribuir com essa perspectiva, o objetivo principal deste estudo é apontar os impactos psicológicos do racismo na construção da identidade da mulher negra. A vista do objetivo principal anteriormente exposto, o presente trabalho visa atingir os seguintes objetivos específicos, identificar as diversas formas de racismo e os impactos ocasionados na identidade do sujeito; apresentar os aspectos identitários da mulher negra no Brasil e expor os impactos psicológicos das diversas formas de racismo direcionados à mulher negra. E, com a conclusão destes objetivos, buscamos responder ao seguinte questionamento: quais impactos psicológicos do racismo na construção da identidade da mulher negra?

Nesse sentido, para entender o que ocasiona a alienação e a perda da identidade da mulher negra sustentamos que o processo sócio histórico da mulher negra é uma das razões para a alienação da identidade cultural da mulher negra, sendo possível pensar os efeitos da relação entre os aspectos psicológicos e sociais do racismo diário, por exemplo em resultados danosos para o corpo e o psicológico, através de psicossomatizações, e para a identidade, através do ideal de branqueamento. Desta forma, compreendemos que a sociedade impõe normatizações através de um padrão eurocêntrico inalcançável para a mulher negra, causando danos psicológicos perniciosos a sua saúde mental. Pensa-se então a revalorização da negritude e a consciência histórica racial como forma de reverter a distorção identitária da mulher negra.

Para dar respaldo teórico a este trabalho, tomamos por base os estudos de Munanga (2004), que nos auxilia a compreender os conceitos de raça e etnia e suas diferenças; Almeida (2018), para concretização e discussões acerca do conceito dos diversos tipos de racismo; Silva (2011) para entender como se constrói o mito da democracia racial no Brasil e outras

fontes de pesquisa em torno do conteúdo deste trabalho, Ciampa (1987; 2001) para compreender os desdobramentos da identidade, Prestes (2013; 2016) para o aprofundamento em questões relacionadas a mulheres negras.

Defendemos como metodologias mais adequadas para este trabalho a pesquisa de natureza básica com objetivos exploratórios e do tipo bibliográfica de abordagem qualitativa e método dedutivo. Neste sentido para maiores esclarecimentos ao leitor sobre a pesquisa bibliográfica, trazemos o que cita Gil (2008, p.44) “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, sobre o método dedutivo Gil (2008, p.9) defende que “[...] parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica” e a abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2002, p.21), “[...] se preocupa, nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Entendemos então que essas abordagens são as mais adequadas para a realização deste artigo.

Com o intuito de contribuir para as discussões acerca dos temas anteriormente citados, subdividimos este artigo em três seções: na primeira seção, apresentamos o conceito de racismo, suas diversas formas e apontamos o impactos do racismo na subjetividade do sujeito negro; em seguida, na segunda seção, apontar os aspectos identitários da mulher negra no Brasil; na terceira seção; analisar os impactos psicológicos do racismo direcionados a mulher negra e na quarta seção; as considerações finais da pesquisa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. As diversas formas de racismo e os impactos ocasionados na identidade do sujeito

Para melhor compreensão das formas de racismo e como isso influencia diretamente na identidade do sujeito negro, é preciso primeiramente entender a etimologia das palavras que cercam a temática. Segundo Munanga (2004) racismo é a crença na existência de raças que já nascem hierarquizadas pela relação individual dos seus aspectos físicos e morais, físico e intelectuais e físicos e culturais. Neste viés, para o Munanga o racismo é:

[...] geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas, suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais (MUNANGA, 2004, p.7-8).

Posto o conceito de racismo é importante salientar o marco histórico e o peso que a chegada das teorias racialistas ou racistas produziram na história do indivíduo negro. Especificadamente entre os séculos XIX e XX tais teorias foram trazidas do continente Europeu.

De acordo com Pinto e Ferreira (2014) as discussões das teorias racialistas giravam em torno da espécie humana, pregavam a superioridade de determinados grupos em detrimento de outros baseando-se apenas na etnia, com o apoio e o investimento dos cientistas da época, alegações e discursos justificativos foram rapidamente elaborados para defender a veracidade da teoria que propagava a superioridade do povo europeu. No mesmo viés Masiero (2005) em seus estudos sobre a Psicologia racial no Brasil expõe que os pensamentos e estudos dos teóricos racialistas estavam fixos na ideia do melhoramento da espécie humana.

O estereótipo que acompanha o indivíduo negro é carregado pelo racismo que está arraigado ao longo da sua história. Para Zink (2009) acontece através de uma categorização e atua como uma espécie de marcador de texto, onde o que se marca não são textos e sim pessoas, as qualidades desaparecem antes de serem conhecidas ou vistas, assim sobra a visão que o imaginário social criou. Dessa forma para Crochík (1996) outra leitura que pode ser feita a respeito dos estereótipos é que ele é resultado de uma produção cultural, é concebido no processo dominatório que no passado foi fortalecido pela força, através do trabalho

escravo e atualmente encontra apoio na “violência sublimada, propagada pelas palavras na própria divisão social” (CROCHÍK, 1996, p.52).

A imagem adotada pelo estereótipo é fortemente apoiada e utilizada no preconceito, palavra que se pensada no sentido lógico denuncia seu significado: o pré-conceito. Seu mecanismo é similar ao do estereótipo, por isso estão atrelados, o preconceito é uma reunião de ideias negativas estabelecidas previamente, sem causa, as crenças negativas são destinadas às minorias racialmente discriminadas (ZINK,2008).

O estudo e conceito da raça para Damasceno & Zanello (2018) sob o enfoque a das ciências sociais, biológicas e humanas é um constructo, isto significa dizer que ele é formado pelo conchavo de informações e impressões de fatos que ocorreram no passado e que ocorrem no presente, a raça não é tida como uma vivência imutável, ela é historicamente construída, é considerada como consequência de “modelos e práticas vigentes em um determinado momento histórico” (p.174). Voltando à Munanga (2004) a raça passou então a ser marcada por um conjunto de semelhanças e descendência, nas palavras do autor ‘um grupo de pessoas que têm um ancestral em comum e que, ispo facto, possuem algumas características físicas em comum” (p. 1); o autor defende ainda que o conceito de raça usado pelas ciências botânicas e pela zoologia foi conduzido e utilizado de maneira a atestar a superioridade de determinada classe social.

Ainda de acordo com Munanga (2004) a etnia é um agrupamento de indivíduos, que de forma histórica ou mitológica, compartilham um ancestral, uma língua, uma religião ou a maneira de ver e entender o mundo e as relações humanas de maneira geral, têm em comum a cultura e compartilham o mesmo espaço geográfico. Dito isto “o conteúdo de etnia é sociocultural, histórico e psicológico” (MUNANGA,2004, p.12). Isto posto, trazemos dados demográficos que mostram que atualmente a maior parte da população brasileira é composta por negros.

Dados estatísticos fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre os anos de 2012 a 2016 mostram que “em 2016, a população branca representava 44,2% da população residente, ao passo que, 8,2% são pretas, e 46,7% são pardas”. (BRASIL, 2017, p.3). Assim, os afro-brasileiros representados por pardos e pretos somam 54,9% da população brasileira e ainda assim, ocupam lugares de subalternidade e enfrentam difíceis condições de sobrevivência.

A vista disso, para Damasceno & Zanello (2018) o povo negro historicamente ocupa lugares inabitáveis, e no ranking das classes sociais está entre a mais pobre, situação que

envolve a precariedade educacional, trabalhista, financeira e de moradia, tendo como consequência a posição de precariedade na pirâmide social, levando a uma condição de vida indigna, decorrente das amarras do racismo e suas diversas formas que serão introduzidas a seguir. Levando em consideração o contexto histórico do negro no Brasil; Silva (2001, p. 95) alerta que:

Ocultar o tema racismo e não reconhecer a sua presença no interior da sociedade se constitui num dos elementos centrais da estratégia de discriminação racial no Brasil. Nos moldes brasileiros a discriminação racial se estrutura a partir do não reconhecimento do problema – dizem que isso o faz mais perverso a medida em que os sujeitos atingidos por essa forma de racismo se encontram impossibilitados de se organizar, subjetiva e objetivamente, para o enfrentamento das agressões.

Isto posto, o racismo institucional não corresponde somente a comportamentos individuais, mas como decorrência do modus operandi das instituições, que atuam de maneira condescendente, mesmo que indiretamente, permitindo vantagens e desvantagens a partir da raça, essa forma de racismo atua ainda como reforço para a imagem de inferioridade que a sociedade nutre acerca da população negra, além disso a prática do racismo institucional alavanca socialmente a situação das pessoas branca e mantém prejudicada a situação das pessoas negras (ALMEIDA, 2018; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017). Em vista disso, para (ALMEIDA, 2018, p.36), “as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus comportamentos orgânicos”.

Outra forma de racismo que atua de maneira importante na manutenção dessa estrutura social é o racismo estrutural, que para Steven et. al (2014, tradução nossa) são um conjunto de práticas ordenadas institucionalmente de forma histórica, cultural e interpessoal atuantes na sociedade e que em detrimento de um grupo social ou étnico, colocam outro grupo em posição vantajosa, à longo prazo essas vantagens concebidas pelo racismo estrutural acabam causando o desenvolvimento de desigualdades entre os grupos. Almeida (2018 pag.39) concorda com Stevens et. al (2014) quando defende que “o racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica [...] do ponto de vista teórico o racismo como processo histórico e político, cria condições sociais para que, direta ou indiretamente grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistêmica”.

Para acartilha de Relações Raciais do Conselho Federal de Psicologia o racismo intersubjetivo diz respeito as interações que o sujeito desenvolve e os processos de desigualdade política baseado na raça/cor que possam acontecer dentro dessa interação, essa nuance do racismo pode aparecer em âmbitos profissionais relações familiares, e em vínculos

de amizade, a dinâmica dessa interação caracteriza-se por descredito ou humilhação e independe da hierarquia, ou seja, aqui não importa se o sujeito negro em questão ocupa um lugar social de poder, quem humilha assume a lógica racista de superioridade apenas pela cor da pele, “ o racismo interpessoal ou intersubjetivo ocorre por meio de ações diretas explícitas ou tácitas”(p.39).

Ainda de acordo com o CFP (2017) há uma outra forma de racismo, o racismo interno, nesse, a lógica racista que se mantém na sociedade coage negros e beneficia brancos, a alienação racial é tamanha que ambos apresentam ações reforçadoras à crença de soberania e subalternidade entre brancos e negros.

De acordo com Silva (2001), construímos entre nós, fruto de uma ideologia social que tem referências teóricas muito antigas a sustentá-la, o mito da “democracia racial”. A suposta democracia racial afirma veementemente a importância de forma igualitária de todas as raças, não fazendo distinção ou apontando superioridade, mas ao mesmo tempo mantém ilibada a situação de desigualdades raciais e desigualdades sociais.

Desigualdades essas, que para Jesus (2018), preestabelecem lugares sociais para negros e ocasionam impactos às identidades desses sujeitos, sendo assim o racismo além de gerar circunstâncias objetivas desiguais para negros/os, lhe fornece também particularidades na constituição subjetiva, o que se faz nítido pela vivência dessas circunstâncias desiguais e pelas expressões ideológicas que constantemente associam a imagem do sujeito negro/a ao feio/a, preguiçoso/a, subalterno/a e outros muitos termos pejorativos que refletem na subjetividade de pessoas negras.

Ainda segundo Jesus (2018) para compreender a subjetividade, primeiramente deve-se estar ciente da subjetividade ser um dos pilares da singularidade humana, o que dá aos indivíduos a possibilidade de tornarem-se humanos, através das expressões e das relações com o mundo interno e externo, isso se dá principalmente por meio dos sentimentos raciocínios, saberes, afetos e consciência.

Tendo em vista a importância da subjetividade para a construção da identidade, e sabendo que o termo subjetividade é comumente confundido com identidade, para título de esclarecimento a identidade pode ser pensada como consequência de um processo de interações sociais e culturais. “O sujeito[...] tem núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que os mundos oferecem” (HALL, 2011, p. 11-12).

Para Ferreira (2000) o entendimento da identidade vai além da questão particular, é também uma questão social e política, quesito fundamental para que o sujeito se auto reconheça e se integralize. Seria então uma elaboração coletiva que viabiliza a transformação do sujeito, da realidade que está inserido e das relações mantidas por este consigo e com o outro. Outrossim os autores anuem com Ciampa (1987) que destaca a identidade como um processo onde o “eu” está em constante mutação, e se faz presente como consequência das experiências vividas pelo sujeito e o contexto social inserido, para o referido autor não há possibilidade de isolar os elementos biológicos, psicológicos e sociais que fazem parte da identidade do indivíduo. Para (CIAMPA,1987,p.74) “[...] Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose”.

Pinto e Ferreira (2014) salientam que há uma problemática nas questões ligadas ao processo de construção da identidade negra. Para os autores, é árduo o caminho que a pessoa negra percorre ao buscar essa identificação, esse processo é marcado por alteridades e opressões que são sofridas de maneira interna pelo indivíduo, esse duro processo leva o sujeito à imposição de uma regra: a pessoa negra entra em estado de negação, negação de si, da cor da sua pele e conseqüentemente, esse sujeito nega também todas as características que possivelmente o liguem à estética negra. Melhor dizendo desde o seu nascimento o negro mantêm-se vivo no mundo branco, onde o objetivo a ser atingido é torna-se o mais semelhante possível a esse mundo.

2.2. Os aspectos identitários da mulher negra no Brasil

Começamos a discussão sobre os aspectos identitários da mulher negra no Brasil trazendo de volta o aporte teórico de Ciampa (2001) que reafirma a importância de se pensar as relações sociais como fatores essenciais na concepção da identidade, identidade que para o referido autor é passiva de mutações, se transforma como numa metamorfose. Lima (2010) compartilha desse pensamento quando alega que o conhecimento acerca da identidade como metamorfose humana “ poderia ajudar a explicar tanto como se dava a construção das desigualdades e dos problemas sociais quanto entender como se formavam as resistências individuais aos processos de massificação e as buscas emancipatórias” (p.138).

As palavras “ identidade” e “social” dão margem à um conceito que segundo Brandão (1986, p.37) “ explica por exemplo o sentimento pessoal e a consciência da posse de um..”

contemplando assim o indivíduo e a coletividade, tendo como consequência um cenário onde o sujeito está incluso na sociedade e interagindo com a mesma.

Para Ciampa (1987; 2001) as transformações acerca da identidade ou “personagens” como descreve o autor ocorrem por toda a extensão da vida, se dá principalmente por meio de interações sociais, e é através dessas interações e dos significados que as são dadas que estruturamos nossa individualidade. No entanto ao fazer esse percurso de estruturação, o autor ressalta a importância do acontecimento de duas dinâmicas histórico-temporais, os quais ele nomeia de *mesmice* e *mesmidade*, essas dinâmicas tendem a acontecer para que ocorram e sejam reguladas a manutenção ou transformação da identidade.

De acordo com o autor a *mesmice* então diz respeito a reposição de características identitárias do personagem, essa identidade em estado de inércia pode se dá por consequência de uma busca consciente por homeostase ou a inconsciente busca pela repetição. Os indivíduos adeptos da identidade reposta, consciente ou inconscientemente, supõem de forma antecipada a não transformação dos aspectos identitários para a sua permanência em determinados grupos sociais.

A *mesmidade* é análoga a adquirir novas experiências, aqui abandona-se então a reposição ou manutenção da identidade e a partir da não manutenção, surgem novas experiências, interações sociais, novos significados e conseqüentemente nova estruturação da individualidade.

Para Ciampa (2001) a *mesmice* é pariforme a reposição e é mantida pelo impedimento da emancipação, por outro lado a *mesmidade* é o que motiva o “vir a ser” e o desenvolvimento da autonomia onde o indivíduo reconhece-se e é reconhecido como ele mesmo através da negação-da-negação que o autor descreve como sendo:

[...] a expressão do outro *outro* que também sou eu: isso consiste na alterização da minha identidade, na eliminação de minha identidade pressuposta (que deixa de ser re-posta) e no desenvolvimento de uma identidade posta como metamorfose constante, em que toda a humanidade contida em mim se concretiza. Isso permite me representar (1º sentido) sempre como diferente de mim mesmo (deixar de presentificar uma representação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores, deixar de repor a identidade pressuposta). (CIAMPA, 2001, pag.189)

Tendo em vista que para Ciampa (2001) o indivíduo é representado por seus momentos históricos, as experiências e o modo que vive, é parte do tempo, família e do contexto ambiental que está inserido. Assim, falemos agora de quais seriam então os aspectos que identificam a mulher negra no Brasil levando em consideração todos os fatores aqui citados.

Pensa-se aspectos identitários como um conjunto de características que definem e caracterizam algo ou alguém. Para Prestes (2013) ao pensar a mulher negra e seu histórico é preciso um olhar diferenciado e atento, tanto por conta do recorte necessário a se fazer entre a população negra de forma geral e a mulher negra como sujeito, quanto por conta das especificidades relacionadas ao gênero e as questões étnico raciais.

Em se tratando de identidade não se pode negar o peso histórico do passado, disso deriva o entendimento que o indivíduo tem de si e dos seus. Para Carvalho & Marçal (2015) este fato está bastante presente no contexto brasileiro, usemos como exemplo de um lado os descendentes de europeus colonizadores e de outro os indivíduos negros, se por um lado temos um povo repleto de heróis, vitórias, feitos históricos documentados em livros didáticos o que estimula o enaltecimento da questão étnica, de outro lado temos uma população desassistida historicamente falando, pouco ou nada sabe-se sobre seus heróis, todos os fatos passados ligam a população negra à escravidão ou abolição, assim não sobra espaço nem referência para se encontrar na história.

Segundo Carvalho & Marçal (2015) a identidade negra, a pele negra, os corpos negros se encontram numa espécie de contradição étnica, imersos numa sociedade onde ser branco é sinônimo de asseio, limpeza e perfeição e antônimo a isso se encontra o negro, tudo que é remetido ao negro lembra trevas, sujeira, escuridão, imperfeição e conseqüentemente é lido como feio. Assim justifica-se a relutância da identificação como um indivíduo negro, para a referida autora o impasse entre ter traços negroides, pele retinta ou pele não retinta e ainda assim ter traços característicos do negro remete o sujeito a um lugar de não pertencimento, onde habita a confusão entre não querer ser negro e sofrer as conseqüências do racismo, e não se encaixar nos critérios estéticos dos indivíduos brancos.

Sobre o histórico da mulher negra, temos aqui já citado o período de escravatura conforme Albuquerque; Fraga Filho (2006). No mesmo viés, para Prestes (2013) o tratamento preconceituoso e discriminatório dado à mulheres negras desse período era diferente, a título de crueldade, do tratamento dado à população de escravos negros. A escrava negra era então tratada como objeto sexual não tinha vontades, nem direito de escolha, sua existência se resumia em trabalhos forçados e violências sexuais, consolidando assim uma imagem hipersexualizada e de servidão de “mulata” que perdura como uma das principais características da mulher negra até hoje.

Esse aspecto identitário de servidão imposto à mulher negra, resulta na associação da sua imagem como quem está predestinada a exercer funções servis. Para Gonçalves Filho

(2008) essa situação de antecipação do papel social exercido pela figura da mulher negra pode ser chamada de subexposição e superexposição. Para o autor a medida em que perguntas não são feitas sobre determinados “ como e por que” que dizem respeito ao indivíduo, ignora-se totalmente o fato dele ser um sujeito único, singular e assim acontece a subexposição, quando suposições tomam o lugar de fala e roubam identidades. A superexposição acontece por meio de sobreposições afirmativas, ou seja, esse mecanismo de exclusão antecipa respostas sem ao menos fazer perguntas.

Sendo assim pouco importa quais seriam as opiniões, respostas, posicionamentos e preferências da mulher negra, a suposta identidade aqui assumida é “ que pelo olhar de um homem branco ou de uma mulher branca que se coloquem numa condição de dominador, uma mulher negra seria enxergada como servil, como um ser vil” (MUSSATI-BRAGA, 2015, p.133).

Relacionando os conceitos de Ciampa (2001) sobre a identidade reposta ou mesmice, termos usados pelo autor ao se referir a manutenção de uma postura esperada pela sociedade em relação ao indivíduo, pensa-se agora em como e quais são as características repostas em relação a identidade da mulher negra. O fato aqui citado da mulher negra ser lida como um ser que sempre serve e ser extremamente sexualizada, pode ser interpretado também como uma identidade reposta, visto que desde a escravatura mantém-se o cenário de objetificação e servidão dessas mulheres, nos dias atuais pouco ocupam o lócus de poder, sendo a maioria da mão de obra das mulheres negras destinada a trabalhos domésticos e geralmente quando divulgadas nos meios midiáticos tem seus traços folclorizados e sexualizados.(MUSSATI-BRAGA, 2015; PRESTES, 2013; SANTOS 2014).

De acordo com Ciampa (2001) o despertar identitário acontece quando os sujeitos, e nesse caso a mulher negra, abandona a manutenção ou reposição das características identitárias e comportamentos que por ela é esperada, as nega e se emancipa ou como o autor se refere, desenvolve sua autonomia, o abandono dos estereótipos que cercam sua imagem, o ingresso em instituições de ensino fundamental, médio ou superior seja ele público ou privado, a ascensão da carreira profissional, melhores condições de trabalho, acesso ao conhecimento, qualquer atitude que faça menção a quebra de barreiras impostas pelo gênero e raça é para Pereira (2012) transformadora e formadora da identidade étnica e profissional.

2.3. Os impactos do racismo direcionados à mulher negra

É sabido que a mulher negra ocupa a base da pirâmide social, dito isto, como consequência desse lugar que lhe foi imposto sofre duplamente, por ser mulher sofre o machismo e por ser negra o racismo, esses agravantes podem se tornar males irreversíveis minando suas emoções, moldando seus comportamentos e afetando a funcionalidade da sua qualidade de vida. Sobre a vivência da mulher negra entende-se que:

A sociedade insiste em dividir as mulheres, pelo seu pertencimento étnico ou pela cor da pele. Ser mulher na sociedade brasileira tem um peso, porém ser mulher negra na sociedade brasileira tem um peso ainda maior. Não é apenas a condição do gênero, mas sim, a cor da sua pele que dita regras mais duras de convivência social e coloca a mulher negra no desafio de lutar contra o preconceito de gênero e o preconceito étnico. (CARVALHO & MARÇAL, 2015)

Para Viana & Carrera (2019) é de extrema importância salientar que a gama de assuntos envolvendo a mulher negra é múltipla, a temática abrange assuntos direcionados à autoestima e aceitação colocando em pauta por exemplo os cuidados que o cabelo afro exige, debates importantes sobre a hipersexualização do corpo negro, principalmente da mulher negra, o mercado de trabalho e a inserção que é marcada pelo racismo, solidão da mulher negra que é constantemente preterida, genocídio e afins. As autoras ressaltam ainda que esses “ são fatores que além de possuírem o marcador da raça, também possuem o de gênero e classe (2019, p.712).

No campo emocional da menina negra sendo ela retinta ou não, um dos primeiros ataques sofridos diz respeito a estética, o cabelo afro desde a infância é alvo de piadas e comentários de cunho racista. Para Berth (2018) os cabelos são fundamentais quando se discute auto aceitação, autoestima e amor próprio, sobretudo se tratando do gênero feminino, porém “esse estigma recai sobre os ombros de mulheres negras desde a mais tenra infância, pois nossos cabelos são alvo constante de diversas injúrias, rejeições e manifestações racistas, esteja ele alisado ou natural” (BERTH, 2018, p.124).

Sobre esses estigmas Carvalho & Marçal (2015) evidencia que a mulher negra quando decide utilizar de procedimentos estéticos agressivos que mudem a característica de seu cabelo natural, tem como objetivo principal alcançar o ideal de branquitude imposto pela sociedade e acima de tudo se sentir pertencente a classe dominante no que diz respeito a estética socialmente aceita. Gomes (2002) compartilha desse pensamento ao afirmar que a não aceitação do cabelo pode acarretar uma sensação de inferioridade e baixa autoestima.

Os pesquisadores Carvalho & Marçal (2015) a autora afirma que a inserção da mulher negra no mercado de trabalho por exemplo é marcada por enormes disparidades, as diferenças no que se refere a posição social são opostas quando se trata de mulher negra e mulher branca, enquanto a mulher negra ainda é vista como quem sempre está apta à trabalhos domésticos ou ocupando o lugar de objeto sexual, a mulher branca por outro lado, além de ocupar uma situação de conforto por gozar de seus privilégios de cor, ocupa também os melhores setores da sociedade.

Conforme a autora, hoje as diferenças entre a mulher negra e a mulher branca no que se refere à posição de ambas na sociedade são visivelmente opostas, pois a mulher negra ainda é vista como objeto sexual ou mão de obra para trabalhos domésticos e a mulher branca é tratada como aquela que possui qualidades que a localizam nos melhores setores da sociedade. Sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho, Arraes (2014) condescende com Carvalho & Marçal (2015), quando afirma que:

Enquanto mulheres brancas lutam para que seus salários sejam equiparados aos salários dos homens brancos, as mulheres negras recebem ainda menos. Conseguir um emprego formal, uma boa colocação e ingressar no ensino superior também são dificuldades típicas daquelas que possuem pele negra. (ARRAES, 2014)

Para Santos (2014) o fato da mulher de maneira geral ser vista como objeto sexual e ter seu corpo sexualizado, se agrava se tratando da mulher negra, esse pensamento deriva diretamente do período colonial onde as escravas negras além da mão de obra forçada eram obrigadas a também forçadamente, ter relações sexuais com seus senhores o que se caracteriza como estupro. Para Carvalho & Marçal (2015), a mídia de forma contínua retrata a figura da mulher negra como quem seduz ou é facilmente seduzida, a mulher negra é constantemente retratada de forma sexual nos meios midiáticos. Em conformidade Barbosa & Silva (2009), afirmam que:

O lugar delineado para a mulher negra é em um contexto mítico e ambíguo de sedução e desejo, repulsa e perigo. Segundo Côrrea (1996), forja-se um estereótipo do feminino negro ligado à submissão, à sensualidade, ao perigo e ao prazer, mas um prazer relacionado à pobreza, à miséria e à desordem, atributos que somados ao estereótipo da negatividade dirigida à sua cor de pele tomam-na em um ser duplamente discriminado: por ser mulher e por ser negra. (BARBOSA & SILVA, 2009, p. 63).

A solidão da mulher negra por sua vez, é consequência dos pensamentos e atitudes do período colonial e da atual hipersexualização do corpo da mulher negra aqui citados anteriormente, o pensamento se perpetua até hoje. Como afirma Santos (2014) essa ideia criada no imaginário social de que a mulher negra é “ quente na cama” e dona de um “sabor

diferente”, que por sua vez está ligado a imagem da mulher negra com beleza e corpo exótico, contribui para que mulheres negras sejam sempre preteridas em relações afetivas e “ para que o racismo continue a ser imposto às mulheres negras: a dicotomia entre o gostoso, o exótico e o diferente, que é, ao mesmo tempo, o proibido, o impensável, o pecaminoso que não servem para o matrimônio ou monogamia” (p. 5). A questão da solidão da mulher negra também é abordada e confirmada por Pacheco (2008) em sua tese “ Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador Bahia”.

Isto posto, esses são alguns dos impactos diretos do racismo direcionados à mulher negra, a tentativa falha de se sentir pertencente nos mais comuns âmbitos sociais não impede que a mulher negra enfrente estorvos em diversas áreas, tendo em comum apenas consequências danosas nos aspectos emocionais, comportamentais e funcionais de sua vida, que refletem na sua saúde mental.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001) a exposição a violência racial afeta a saúde mental, a OMS por sua vez define saúde mental como um “ estado de bem-estar no qual o indivíduo percebe suas próprias habilidades, pode lidar com os estresses cotidiano, pode trabalhar produtivamente e é capaz de contribuir para sua comunidade”. Para Silva (2005) a expressão saúde mental pode ser entendida como a tensão entre forças individuais e ambientais, essas forças definem o equilíbrio pessoal, para a autora o equilíbrio pessoal é perceptível através de como o indivíduo faz uso das suas capacidades mentais e conduz suas relações com o ambiente inserido.

Neste viés a autora afirmar que a constante exposição a situações de racismo ocasiona uma sobrecarga de “tensão emocional, de angústia e de ansiedade, com rasgos momentâneos de distúrbios de conduta e do pensamento” (p.130). Essa sobrecarga vivida pelo alvo do racismo pode ocasionar problemas como taquicardia, hipertensão arterial, úlcera gástrica, ansiedade, ataques de pânico, depressão, dificuldade de relacionamento, ataques de raiva, comprometimento da identidade, e distorção do autoconceito. É possível admitir a conexão entre o racismo direcionado a mulher negra e os impactos aqui citados como sendo de ordem emocional, comportamental e funcional, tendo em vista que como prevê Silva (2005 p.130) eles “produzem marcas psíquicas, ocasionam dificuldades e distorcem sentimentos e percepções de si mesmo” (Silva, 2005)

Para Tavares e Kuratani (2019) apesar do grande e crescente número de brasileiros negros, e de conseqüentemente esses brasileiros apresentarem vivências e adoecimentos que

estão visceralmente vinculados aos diversos tipos de racismo (estrutural, institucional, intersubjetivo e interno), associados à opressão e violência racial, pouco tem sido despertar científico para as particularidades e saúde desta população.

O mito da democracia racial, afetou o curso da ciência de tal maneira – em se tratando de saúde mental e relações étnico raciais- que a importância dessas temáticas fora simplesmente esquecida pelos profissionais da área, a Psicologia parece ter ficado alheia à essa minoria racial, salvo a Psicologia Social que foi pioneira nos estudos relacionados à área. Esse alheamento consequentemente faz com que vítimas do preconceito racial não recebam a atenção e o tratamento devido na Psicologia clínica (DAMASCENO & ZANELLO, 2018; MUNANGA, 2003). Sobre a atuação do Psicólogo em casos de racismo Damasceno e Zanello (2018, p. 453) alertam que:

A saúde mental é um campo pluridisciplinar. A todas disciplinas da saúde mental, inclusive à Psicologia clínica, cabe a prontidão para contribuir com pesquisa e intervenções adequadas a qualquer tipo de população e de dor psíquica. A ajuda psicológica é fundamental também para pessoas que a buscam devido ao sofrimento psíquico pelo qual passam como consequência da experiência de racismo. É crescente o número de psicólogos (as) que acolhem clientes cujo sofrimento psíquico é originado no encontro inter étnico; esses profissionais deparam-se com subjetividades certamente afetadas pelo racismo cotidiano. A ausência de um olhar crítico do profissional impossibilita-lhes atentar para processos de preconceito e discriminação racial presentes no sofrimento psíquico de pessoas negras.

Azerêdo (2002) encara a pluralidade étnica como um desafio para a Psicologia, a autora afirma que no Brasil as questões de relações raciais são de extrema complexidade por ter como cenário uma realidade repleta de discrepâncias, onde mais uma vez a visão que impera é a de que o país vive uma “democracia racial, essa visão deturpada impede que se enxergue a real situação. Outro desafio encarado pelos profissionais psicólogos e a Psicologia de forma geral é o enfoque necessário a ser dado no coletivo, pois como uma disciplina que enfatiza o enfoque individual, acaba sendo uma grande dificuldade voltar a atenção à demandas construídas historicamente e com dimensões políticas da integração do ser humano.

Diante da aparente dificuldade da Psicologia em se fazer presente em questões atreladas às minorias, Silva (2001) afirma que um ponto importante para reversão desse quadro de omissão seria o uso dos estudos, investigações e conhecimentos da Psicologia como ciência, como ajuda a sociedade o que resultaria na superação das questões de discriminação racial. No mesmo viés Tavares et al. (2013) defende ser de necessidade ímpar para o combate ao racismo a proliferação de informações e debates acerca da temática, só assim seria possível a construção de um olhar vigilante nas práticas psicológicas, a autora

alerta que na ausência do conhecimento e da reflexão, o que se faz presente é a continuidade do espiral de reprodução de discursos racistas que estão vigentes na sociedade.

A alerta feita pela autora à Psicologia é válida também para as instituições de ensino e a grade curricular que cerca a formação de novos profissionais psicólogos. Para Tavares et al.(2013) a temática foi colocada em pauta muito tardiamente, a situação pode ser pensada também através da constante dificuldade de psicólogos atuantes se posicionarem dentro dos âmbitos de saúde, esse posicionamento geraria discussões, discussões acerca do tema trariam à tona novas informações e novos saberes proporcionam novos olhares.

Sobre questões de gênero, cor e contribuições psicológicas Prestes e Paiva (2016) defendem que as mulheres negras devem finalmente começar a fazer uso das reflexões críticas e dos estudos científicos que as têm estudado e as descrito como mais suscetíveis a ao adoecimento, seja ele psíquico ou físico, essas mesmas mulheres que tem sido por anos estudadas necessitam que além das denúncias através de descrições e estudos, se desenvolva um olhar permanente e vigilante sobre suas especificidades. As autoras anuem com Silva (2001) e Tavares (2013) quando afirmam a fundamental importância do debate acadêmico e além de debates a capacitação de profissionais de todos os setores, bem como o mínimo interesse em conhecer e minorar o histórico de estereótipos e discriminações institucionais que têm como base a cor da pele.

A forma como a psicologia pode contribuir em questões de gênero como o machismo e questões étnico raciais como o racismo, é não deixando o passado se sobrepôr ao presente e ao futuro, não retornando à suas raízes onde seu saber científico se fazia seletivo e voltado aos abonados, sobre o papel fundamental da Psicologia em pautas urgentes Masiero (2005) ressalta que a suposta imparcialidade que a profissão exige pode contribuir de modo científico direcionando seu saber à manutenção de benefícios de determinados grupos ou ser usado de maneira destorcida para argumentar a validade da segregação das minorias, situação de extremo perigo para o Brasil, um país onde as teorias racistas e racialistas foram abraçadas com simpatia e usadas justamente por causas ideológicas e não científicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho fez possível uma reflexão acerca dos impactos psicológicos do racismo na construção da identidade da mulher negra majoritariamente sobre a ótica da Psicologia Social. Para chegar às discussões sobre a mulher negra propriamente dita, foi necessário antes de tudo estudar a população negra de forma geral.

Apontou-se aqui as engrenagens racistas da sociedade que desde o período colonial funcionam estruturalmente a favor dos indivíduos brancos e conseqüentemente contra os indivíduos negros, a atual situação da população negra no quadro de vulnerabilidade social é reflexo dos danos históricos que foram causados pela escravidão.

Observou-se os impactos diretos do racismo na subjetividade, individualidade e conseqüentemente na identidade causando uma resistência na construção, fortalecimento e admissão da identidade negra e sobretudo na afirmação social e política dessa negritude, percebe-se que diante das dificuldades impostas pelo racismo e da falta de consciência racial que é fortemente apoiada pelo mito da democracia social, o negro vê como caminho a sobrevivência no mundo branco, e tenta desesperadamente encaixar-se nesse padrão.

Percebe-se que a população referida foi historicamente prejudicada, ao fazer o recorte de gênero dentro do recorte de raça é justo apontar a mulher negra como maior alvo das mazelas sociais, sendo o maior contingente da população brasileira e fazendo parte do grupo de discriminados racialmente é ela quem sofre todas as opressões e o peso de fazer parte de duas minorias sociais, mulher e negra. Esteticamente pressionada a caber em padrões eurocêntricos inalcançáveis, enquanto lida com o machismo e o racismo, hipersexualização do seu corpo, ao mesmo tempo lidando com o mercado de trabalho e o fato de ser mal remunerada, não faltam questões problemáticas a serem tratadas pela Psicologia no que se refere ao papel social ocupado pela mulher negra.

Conclui-se que é inegável a ligação entre o racismo e os desgastes emocionais geradores de traumas psicológicos, sendo assim a Psicologia como ciência que se dispõe a compreender, acolher e amenizar dores causadas por tais traumas tem por obrigação ética se preparar para discussões, identificação e atendimento de demandas que remetem a sofrimento por questões raciais.

REFERENCIAS

ALBURQUEQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma História do negro no Brasil**. Brasília. Fundação Cultura dos Palmares, 2006.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ARRAES, Jarid. **Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria**. sobre minorias dentro da minoria. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria-por-jarid-arraes/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

AZEREDO, Sandra Maria da Mata. O político, o público e a alteridade como desafios para a psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 4, p. 14-23, dez. 2002. Anual Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000400003. Acesso em: 20 mar. 2020.

BARBOSA, Erly Guedes; SILVA, Silvano Alves Bezerra da. Mulheres invisíveis: imagem da mulher negra no jornalismo de revista feminino brasileiro: imagem da mulher negra no jornalismo de revista feminino brasileiro. **Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão**, São Luís, v. 1, n. 5, p. 48-68, jan. 2009. Anual. Disponível em: http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2009/silvano.pdf. Acesso em: 20 mar. 2020.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018

BRANDÃO R. C. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL, IBGE. PNAD, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**, 2017. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 20 fev. 2020.

CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-14, 4 jul. 2019.JJ

CARVALHO, Eliane Paula de; MARÇAL, José Antônio. **A identidade da mulher negra através do cabelo**. 2015. 61 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-raciais, Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CIAMPA, A. C. **A identidade**. In: S.T. M. Lane & W. Codo (Orgs), **Psicologia Social: O homem em movimento** (p 58-75). São Paulo: Brasiliense, 1987.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os**. Brasília: CFP, 2017. Disponível em: www.cfp.org.br, acesso em: 14 abril de 2020.

CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e sociedade**. **Ribeirão Preto**, v.4, n. 3. dez. 1996 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004. Acesso em: 15 abr. 2020

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. Saúde Mental e Racismo Contra Negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos.: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s.l.], v. 38, n. 3, p. 450-464, set. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-37030003262017>.

FERREIRA, R. F. **Afrodescendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC, 2000.

PINTO, Marcia Cristina Costa; Ferreira, Ricardo Franklin Ferreira. **Relações Raciais no Brasil e a Construção da Identidade da Pessoa Negra**. Pesquisa e Prática Psicossociais, São João Del Rei, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2002. 14 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GONÇALVEZ FILHO, José Moura. A dominação. In: Instituto AMMA Psique e Negritude. **Os efeitos psicossociais do racismo**. São Paulo, 2008. p.57-71.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JESUS, L. G. DE; COSTA, M. R. Impactos do Racismo na Subjetividade de Indivíduos Negros. **SER Social**, v. 19, n. 41, p. 314-335, 6 fev. 2018.

SILVA, M. L. Racismo e os efeitos na saúde mental. In: BATISTA, L. E.; KALCKMANN, S. (Org.). **Seminário saúde da população negra estado de São Paulo, 2004**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005. p. 129-132. (Temas em Saúde Coletiva, 3).

LIMA, A. F. **Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica**. São Paulo: FAPESP; EDUC, 2010.

MASIERO, André Luis. Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos: uma intersecção histórica.: uma intersecção histórica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 66-79, mar. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932002000100008>.

MINAYO, Maria Cecília. **Teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MUNANGA, Kabengele. Prefácio. In: I. Carone, M. A. Bento (Eds.), **Psicologia social do racismo** (2a ed., p. 9-11). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, p. 15-34, 2004.

MUSATTI-BRAGA, A.P. **Os muitos nomes de Silvana: contribuições clínico-políticas da psicanálise sobre mulheres negras**. 2015. 288 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE– OMS. (2001). Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental: Nova concepção, nova esperança.

PRESTES, Clélia R. S.; PAIVA, Vera S. F. **Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência.: vulnerabilidades, direitos e resiliência.** Saúde e Sociedade, [s.l.], v. 25, n. 3, p. 673-688, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-129020162901>.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia.** 2008. 317p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280705>. Acesso em: 2020-05-03

PEREIRA, Lília Campos. A construção da identidade da mulher negra.2012. Disponível em: <http://revistas.umce.cl/index.php/Comunicaciones/article/download/653/632/>. Acesso em: 2020-05-15

PRESTES, Clélia Rosane dos Santos. **Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras. Resiliência em mulheres negras:** transmissão psíquica e pertencimentos. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.47.2013.tde-31012014-091149. Acesso em: 2020-04-29

SANTOS, Carla Caroline J. dos. **“Sexo e as nega”:** Hipersexualização das mulheres negras na televisão brasileira, 2014.

SILVA, M. L. **Racismo e os efeitos na saúde mental.** In: L. E. Batista, S. 2005

SILVA, Marcus Vinicius de Oliveira. **Psicologia, subjetividade e relações raciais no Brasil.** In: Psicologia e o compromisso social.2001. p.93- 109.

STEVEN, D. Soifer; et al. (11 de dezembro de 2014). **Community Economic Development in Social Work.** [S.l.]: Columbia University.

TAVARES, Jeane Saskya Campos; KURATANI, Sayuri Miranda de Andrade. **Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”.** Psicologia: Ciência e Profissão, [s.l.], v. 39, p. 1-13, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003184764>.

TAVARES, Natália Oliveira; et al. A percepção dos psicólogos sobre o racismo institucional na saúde pública. **Saúde em Debate**, [s.l.], v. 37, n. 99, p. 580-587, dez. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-11042013000400005>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010311042013000400005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 2020-04-18.

VIANA, Gessica de Castro Silva; CARRERA, Fernanda Ariane Silva. A (in)visibilidade da mulher negra youtuber. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, [S.l.], v. 13, n. 4, dec. 2019. ISSN 1981-6278. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1884>. Acesso em: 2020-04-29.

ZINK, Liane. **Entre o silêncio e o grito.** In: Instituto AMMA Psique e Negritude. Os efeitos psicossociais do racismo. São Paulo, 2008. p.48-56.